

Brasil pedirá aos bancos prazo maior que o do México para pagar créditos

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — O Brasil pedirá prazo maior que os 14 anos obtidos pelo México para refinarçar a dívida externa que vence nos próximos cinco anos, afirmou o Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore. Ele não esclareceu os dados da proposta brasileira mas prometeu divulgar hoje nota sobre o que discutiu com os banqueiros esta semana.

— As negociações não vão terminar esta semana. Vou estar de volta a Nova York no início de janeiro e devemos concluir os entendimentos até o meio do mês que vem.

Todos estão errados ao comparar nosso caso com o mexicano. A proposta é diferente. Queremos mais prazo, pois temos mais dívidas que o México. Necessitamos de mais prazo e carência.



“Estarei de volta a Nova York no início de janeiro e deveremos concluir os entendimentos até o meio do mês que vem”

AFFONSO CELSO PASTORE, Presidente do Banco Central

Pastore comentou também que, se os credores não tivessem disposição de negociar com o atual Governo, como vem dizendo a imprensa, não estariam agora reunidos com ele e seus assessores; esperariam a posse

do futuro Presidente.

A questão da dívida brasileira, já tratada sem muita urgência pelos bancos, que mobilizaram seu terceiro escalão para os encontros com Pastore, passou ontem para plano ainda menos importante. O Citibank informou que o caso argentino se tornou urgente pois o país precisa obter, até o fim do ano, a adesão dos bancos ao empréstimo-jumbo de US\$ 3,5 bilhões que negociou com o Comitê de Assessoramento de sua dívida (formado pelos 12 principais bancos credores). Até agora, só obteve a confirmação para US\$ 1,3 bilhão.

O que se previa, no início da atual rodada de negociações de Pastore com os banqueiros, parece estar confirmado. As decisões serão mesmo adiadas até depois da eleição do novo Presidente brasileiro. Segundo fontes bancárias, as declarações do Candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, contra os termos da sexta Carta de Intenções causaram impacto entre os banqueiros, mas nenhum deles se dispôs a comentar o assunto oficialmente por enquanto.